A INTERVENÇÃO DO RURAL

L' invention du rural - l'heritage des mouvements ruraux (de 1930 à nous jours). Catherine Mougenout, Marc Mormont, Bruxelles, Vie Ouvrière, 1988, 288p.

Le rural est dans l'air du temps! Foi com esta afirmativa simples e profunda que Catherine MOUGENOT e MARC MORMONT - socióligos do núcleo de pesquisa Gestão do Espaço Rural da Fundação Universitária Luxemburguesa - iniciaram nesta obra uma discussão em torno do paradoxo entre os interesses sobre o rural (nostalgia, desenvolvimento, mudança...) e a recusa da identidade rural pelos habitantes do "interior". Na sua elaboração, contaram com o auxílio de Gilbert CELLIER e Josefa LALOUX, ativistas e pesquisadores de movimentos rurais.

Esta obra foi esboçada a partir de constatações observadas durante a realização de uma pesquisa sobre a política de habitação urbana, onde os autores aprenderam o padrão de habitação rural como referencial urbano em oposição a quase ausência de políticas de habitação para o meio rural. Neste momente, a percepção de que "não há realmente uma distinção entre o mundo rural e o mundo urbano, mas somente um espaço completamente urbanizado" na Belgica, clareou o paradoxo da homogeneidade morfológica aparente do urbano.

Identificaram assim uma considerável pluralidade do rural: natureza, patrimônio folclórico, linguístico e arquitetônico, reencontro com um gênero de vida, projeção de sonhos... consequentemente, abriu-se um leque de questionamentos para a realização do universo rural belga, na tentativa de compreender como a idéia de rural existe: se especifica e, por conseguinte, diferente; como ela apareceu amadureceu nas pessoas ao ponto de gerar manifestações de massa nos anos cinquenta e, ainda, como tais movimentos influíram nas políticas posteriores.

A partir da afirmação de que "a maneira pela qual representamos a realidade, faz parte integrantes desta realidade", os autores desenvolveram os pressupostos conceituais da abordagem sobre o jogo social das representações:" Saber o que são classes, grupos e categorias sociais (...) saber que a compreensão da identidade rural e da consciência rural (ruralidade) está entre os processos econômicos e sociais de um lado e, de outro, dentre mediações complexas e numerosas"... Neste contexto, deixam claro o entendimento de que as representações não são arbitrárias e, evidentemente, não são vislumbradas ou descobertas através de operações estatísticas que aprenderam os atributos como elementos constitutivos dos grupos. É somente no campo das relações que um atributo alcança um sentido "não por que ele aparece relativizado, mas sobretudo, porque é no campo das relações que os individuos e os grupos agem, notadamente, para modificar sua posição". A representação é, antes de tudo, um mecanismo de formação deste grupo e não um simples processo de "conhecimento" ou identificação dos indivíduos a um coletivo.

Outro ponto levantado e trabalhado nesta obra, refere-se à apreensão do poder social nos movimentos de massa, na dimensão psicológica. Ai se fundem a imagem positiva de si, no plano individual, e a garantia que ele tem para se organizar e se defender. A representação é pois, constituida e identificada a partir das trocas sociais e das relações com outros grupos e instituições e "só pode ser entendida e analisada a partir de estudos e imagens, idéias, temas ideológicas, processos sociais e inerações que lhe dão origem e sentido".

Com a identificação da crise de identidade rural ocorrida nos anos

Maria Augusta Mundim Vargas
Prf^a do Departamento de Geografia e de Pós-Graduação

cinquenta, os autores trabalharam os discursos da representação presentes e em movimento naquele momento. Analisaram não apenas o discurso mas também os atos, i.e., os movimentos rurais ocorrentes para, a partir da fusão de ambos, apreenderam a "invenção do rural". Finalmente, concluem a obra demonstrando como a tomada dos anos cinquenta como modelo pode auxiliar na compreensão do rural nos "atuais" anos oitenta.

Percebe-se que para além de um estudo de caso, de uma "demonstração" da realidade rural belga, os autores se propuseram a uma empreitada metodológica de recusa aos atributos exteriores da ruralidade e sobretudo, de questionamento à produção tecnicista predominante na sociologia de seu pais. Com um marco cultura posicionado nas manifestações de massa ocorridas nos anos cinquenta, os autores afirmam uma abordagem histórica mas não se alinham com a idéia de "Recomeçar a história" ou até mesmo de buscar identificar uma repetição dos movimentos ocorridos naquela época. Para eles, "a vida social não é um laboratório onde a experiência pode ser renovada e confirmar o modelo do pesquisador. Assim, esta obra teve como limites a análise histórica dos anos cinquenta e a ousadia de confrontá-los, enquanto modelo, com a realidade atual. A utilidade do modelo, mais que esclarecedora dos dias atuais, foi a de possibilitar a colocação de questões, e formulação de novas hipóteses e a abertura de pistas ainda inimagináveis. Para eles, "não se trata de profetizar sobre o futuro, mas de olhar o presente e, particularmente as representações atuais do rural, as diversas maneiras que ele é percebido e escrito, como um instumento mais complexo e com um olhar menos artificial".